

A Educação Especial e a Inclusão Social

Soraya Fátima dos Santos *
Orient.: Sérgio de Freitas Oliveira **

Os alunos com necessidades educacionais especiais vêm conquistando, aos poucos, seu espaço dentro das escolas, sendo hoje constatado um amplo empreendimento no ensino, projetando-se as escolas para oferecer oportunidades para os alunos aprenderem e desenvolverem, naturalmente, habilidades que são importantes para torná-los independentes, competentes, produtivos e felizes em diversas áreas da vida humana.

O presente artigo tem como objetivo contribuir para que as pessoas possam se informar sobre as várias formas que devem ser acionadas, para que ocorra a verdadeira inclusão nas escolas em geral.

As pessoas que apresentam necessidades especiais são a minoria da população brasileira e, em sua maioria, possuem uma triste e vasta experiência de exclusão, que se traduz em grandes limitações nas possibilidades de convívio social e na utilização de equipamentos, além de serem submetidos a vários tipos de discriminação.

Anteriormente, pessoas com deficiência eram tratadas como doentes, hoje se têm estudado formas e buscado soluções para seus problemas, no que diz respeito à inclusão e à educação especial. Com o surgimento de algumas escolas especiais e de centros de reabilitação, a sociedade começou a admitir que pessoas com deficiência poderiam ser úteis se recebessem tratamentos adequados. Então, a questão da deficiência saiu do âmbito da saúde para o âmbito da educação, pois ser deficiente não é ser doente.

A prática da inclusão social paralela à educação especial se baseia em princípios diferentes dos convencionais: a aceitação das diferenças individuais, valorizando cada pessoa e sua convivência dentro da diversidade humana, em meio à cooperação e à solidariedade. Incluir, nesse sentido, significa, então, modificar a sociedade como fator importante para a

pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer sua cidadania.

A escola que inclui todos os alunos, reconhecendo suas diferenças, promove a aprendizagem e atende às necessidades de cada um. Com todo esse movimento em prol dos alunos com necessidades educacionais especiais, há uma nova maneira de ver essas pessoas, pois estamos diante de um quadro que exige adaptações e até mesmo uma reformulação de valores e currículos. A educação especial já está acontecendo nas escolas; contudo, é preciso promover essa inclusão com consciência e com a devida preparação, caso contrário, poderemos desencadear um processo que acabaria por excluir esses alunos dentro da própria escola.

A transformação mais difícil é a da mentalidade de docentes e pais de alunos, que acreditam que as escolas especiais são a solução educativa ideal para pessoas com deficiências. Às vezes, alguns pais, temendo certo cuidado excessivo, matriculam seus filhos com necessidades especiais em escolas regulares inclusivas e sofrem, antecipadamente, com uma discriminação que, muitas vezes, nem chega a ocorrer. Os docentes, por sua vez, não se preocupam em se aperfeiçoar e se capacitar, alegando que, uma vez formados para lidar com crianças “normais”, não precisam se preocupar com a questão da inclusão, e têm às vezes, até por comodidade, certo desânimo em olhar para a educação especial de forma positiva.

Não importam quais dificuldades ou diferenças possam ter. As escolas inclusivas precisam reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus alunos, acomodando diferentes estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando uma educação com qualidade para todos mediante currículos apropriados, mudanças organizacionais, estratégias de ensino

* Graduanda em Pedagogia com Ênfase em Necessidades Educacionais Especiais pela PUC Minas.

E-mail: sofsantos9@yahoo.com.br

** Licenciado em Letras e em Pedagogia. Professor Adjunto da PUC Minas. E-mail: sergiofoliveira@globocom

e até mesmo o uso de recursos especiais como forma de comunicação suplementar ou alternativa.

O plano curricular das escolas deveria ser adequado de forma a atender aos diferentes interesses e capacidades de seus alunos. Aos que têm necessidades educacionais especiais deveriam ser oferecidas diferentes formas de apoio, desde uma ajuda mínima em classe comum, até programas adicionais de suporte à aprendizagem, bem como a atenção de professores especialistas e de uma equipe externa de apoio, como fonoaudiólogos, psicólogos, fisioterapeutas etc.

A professora, com o apoio da coordenação da escola, poderia criar soluções e estratégias, a partir do reconhecimento particular e individual de cada aluno, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento das potencialidades, respeitando seus desejos e valorizando suas habilidades dentro de suas possibilidades, desde uma adaptação que possibilite a acessibilidade ao computador até as atividades da vida diária, como mobilidade e acesso a vários lugares, pois de nada adianta admitir, por exemplo, um aluno deficiente visual numa escola, sem que haja um professor/monitor com habilidade para ensinar em Braille, que tenha disponibilidade de leitores, ou um aluno cadeirante em uma escola onde todos os acessos são feitos por escadas e não há uma rampa sequer dentro dela.

Na educação especial, não devemos esperar que a criança com necessidades educacionais especiais se adapte à escola, mas que esta se transforme de maneira a possibilitar, de fato, a inclusão da criança. Precisamos focalizar o desenvolvimento das pessoas com necessidades especiais, a partir dos pressupostos gerais que orientam a sua concepção de desenvolvimento com as pessoas consideradas normais.

A escola que inclui pessoas, sem discriminação, e reconhece suas diferenças promove a aprendizagem, atendendo às necessidades individuais que venham a surgir. Com todo esse movimento em prol dos indivíduos com necessidades educacionais especiais, surge uma nova vertente para interpretar essas pessoas, pois estamos diante de um quadro que exige adaptações e até mesmo reformulações dos valores sociais.

Devemos valorizar as habilidades de cada aluno e nos concentrar nelas, porque é a partir daí que ele dará início ao seu desenvolvimento, podendo ser percebida, então, a sua capacidade real.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Arthur. **Inclusão que funciona**: Os caminhos para transformar a escola e passar a atender todos os alunos. São Paulo: Abril. 2003.

WISE, Liz; GLASS, Chris. **Trabalhando com Hannah**: uma criança especial em escola comum. Porto Alegre: Artmed, 2003.